

A Comunicação na Educação

Resenha

Por Thiago Ferreira

“

Quando a estabilidade do terreno dos referentes e das medidas é esburacada pelo fluxo da vida urbana, pela fluidez da experiência cosmopolita, os mapas nos impediriam de fazer nosso próprio caminho ao andar [...] Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga e dos labirintos?

”

A questão formulada em *Ofício de Cartógrafo*¹ como síntese de todo seu percurso de pesquisa é reiterada implicitamente por Martín-Barbero² no seu mais recente livro publicado no Brasil: *A Comunicação na Educação*³. Nele, o pesquisador ibero-americano sugere um mapa-projeto⁴ que articule os campos da comunicação, da educação e da cultura a fim de que se transformem as maneiras pelas quais estas três áreas são construídas em nossas sociedades.

um mapa-projeto que subjaz à nova cidade educativa e cujas chaves se encontram em converter a EDUCAÇÃO em espaço estratégico de cruzamento e interação entre as diversas linguagens, culturas e escrituras que povoam a rua e a casa, o mundo do trabalho e da política, pois só então

¹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo*. Edições Loyola. São Paulo: 2004. P. 12.

² Jesús Martín-Barbero nasceu na Espanha, mas tem sua trajetória acadêmica construída em países da América latina, como Colômbia e México. É um dos expoentes dos estudos culturais latino-americanos e tem sua investigação acadêmica voltada para as relações entre comunicação e cultura.

³ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. Editora Contexto. São Paulo: 2014.

⁴ Veja no fim desta resenha o mapa das mutações culturais formulado por Martín-Barbero.

a escola poderá ser o lugar da abertura (e reconhecimento de) ao outro e aos outros (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 141-142).

Martín-Barbero relata que a ideia deste livro surgiu durante o Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre, em 2002. Diversos atores políticos que participaram do FSM convergiram no esforço de construção de outra mundialização possível, que rejeitasse as recomendações dos organismos econômicos mundiais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial de Comércio (OMC). Estruturas “[...] que submetem à lógica globalizadora do mercado a cultura, a educação e a comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 7).

A lógica defendida por estes organismos faz com que a educação seja concebida e organizada “em função do mercado de trabalho, já que o que importa é a acumulação de capital humano medido em termos de custo/benefício como qualquer outro capital” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 7), com dois efeitos diretos: 1) o desmantelamento da escola pública; 2) os governos tendo que decidir se financiam a educação ou se pagam a dívida externa.

Já a comunicação é apresentada como “um lugar de uma dupla perversão e uma dupla oportunidade” por seu “papel decisivo tanto na infraestrutura tecnológica da globalização como na mundialização do imaginário e do ideário neoliberais de desregulação do mercado e deslegitimação do espaço e do serviço públicos” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 8). Para ele, as duas perversões são a concentração econômica em torno de sete megacorporações que dominam o mercado mundial com “um poder cada mais incontrolável de fusão dos dois componentes estratégicos, os veículos e os conteúdos, com a consequente capacidade de controle da opinião pública mundial e a imposição de moldes estéticos cada dia mais “baratos”” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 8) e a segunda: os controles e ameaças às liberdades de expressão, introduzidas após o 11 de setembro de 2001.

Do lado das oportunidades, Martín-Barbero enxerga que a digitalização tem o potencial de desmontar a hegemonia racionalista que opera em torno dos dualismos inteligível x sensível, razão x imaginação, ciência x arte, cultura x técnica, livros x audiovisuais, numa *linguagem comum de dados*. A segunda

oportunidade diz respeito à configuração de um novo espaço público e de cidadania nas e através das redes sociais. “É óbvio que se trata de *embriões de uma nova cidadania e um novo espaço público*, configurados por uma enorme pluralidade de atores e leituras críticas que convergem para um compromisso emancipador e uma cultura política na qual a resistência é, ao mesmo tempo, forjadora de alternativas” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 8-9).

A partir dessas oportunidades e do reconhecimento de que vivemos em uma sociedade “cuja rede educativa atravessa tudo: o trabalho e o ócio, o escritório e o lar, a saúde e a velhice” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 10), o autor convocará a herança do pesquisador Paulo Freire para defender que realoquemos a educação na comunicação – num movimento articulado a propostas desenvolvidas por Martín-Barbero em outros livros e textos no sentido de que realoquemos a cultura na comunicação e vice-versa. Martín-Barbero traçará um mapa – que numa entrevista à Fapesp ele chamará de mapa das mutações culturais – que dê conta dos desafios postos à educação

pela acelerada reconfiguração comunicativa dos saberes e narrativas, em especial os saberes e as narrativas emergentes que a escola preconceituosamente desvaloriza e deixa de fora, quando é a partir deles que se torna possível vislumbrar e assumir a envergadura cultural das mutações que atravessa a sociedade-mundo na alvorada deste desconcertado e desconcertante segundo milênio (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 15).

É através de Freire que Martín-Barbero vai propor que nós, pesquisadores em comunicação e em educação, lutemos contra a inércia da linguagem e a tomemos como *palavra geradora* que, “ao mesmo tempo que ativa/desdobra a espessura de significações sedimentadas nela pela comunidade dos falantes, torna possível a geração de novos sentidos que possam reinventar o presente e construir o futuro” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 17-18), compreendendo o processo comunicacional como um lugar de disputas. “Foi a mistura de Gramsci com Freire que me ensinou a pensar a comunicação, ao mesmo tempo como processo social e como campo de batalha cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 21). Outra educação se fará necessária, portanto, para que haja “a possibilidade de fazer explodir a situação ao subverter os códigos da humilhação e da

submissão” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 24). “A nova educação funda-se, portanto, não em esquemas abstratos ou em idealismos bem-intencionados, mas sim na tomada de consciência dos oprimidos sobre a sua situação no próprio processo de opressão” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 39).

É neste sentido que Martín-Barbero propõe o mapa das mutações culturais – não formulado com este nome neste livro – em torno de quatro mutações: tecnicidade, identidade, cognitividade e ritualidade⁵. Segundo o autor, a **tecnicidade** possui, atualmente, uma dimensão estratégica na cultura, possibilitando à escola inserir-se “em processos de trocas entre os intercâmbios entre escrituras tipográficas, audiovisuais e digitais, entre identidades e fluxos, assim como entre movimentos cidadãos e comunidades virtuais” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 44). Para que isso ocorra, serão necessárias duas alfabetizações: a primeira abrindo “o mundo da escritura fonética” e a segunda nos possibilitando “múltiplas escrituras que hoje conformam o mundo do audiovisual e do texto eletrônico” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 51), devendo ambas estarem articuladas a fim de que a escola se favoreça das conexões hipertextuais.

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 52-53).

O descentramento do livro como lugar único dos saberes “remete a um âmbito mais amplo de mudança cultural, que conecta as novas condições do saber com as novas formas de sentir, da sensibilidade, e ambas com os novos modos de estar juntos, ou seja, com as novas figuras da sociabilidade” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.57-58). Portanto, há uma outra **cognitividade**, marcada

⁵ Duas destas mutações estavam presentes no seu mapa das mediações culturais formulado por Martín-Barbero no prefácio à edição espanhola de *Dos meios ás mediações* (2008): tecnicidade e ritualidade.

pelas visualidades, operando em articulação às tecnicidades. Há um “desordenamento dos saberes” e “mudanças nos modos de narrar” que estão reconfigurando os moldes escolares, “colocando em um lugar estratégico o alargamento dos modos de sentir e de pensar, assim como a articulação entre lógica e intuição” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 77).

A modificação do “estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte apagamento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber experto e experiência profana” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 79). Por consequência, a educação “deverá se converter no espaço de conversação dos saberes e narrativas que configuram as oralidades, as literalidades e as visualidades. Pois das mestiçagens que entre elas se trama é de onde se vislumbra e se expressa, ganha corpo o futuro” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 78).

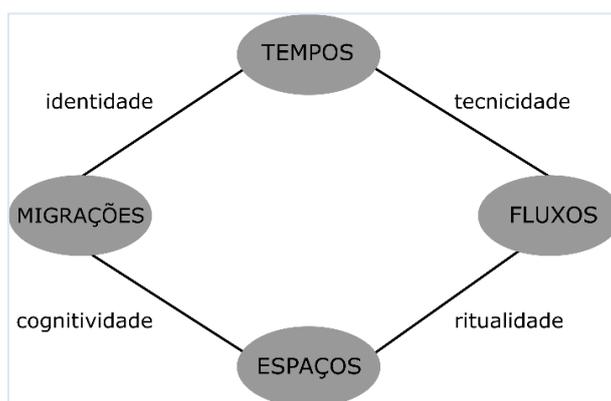
As **identidades**, assim como as mutações anteriores, também devem ser compreendidas de outra maneira, sendo resultantes de “temporalidades menos longas, mais precárias, dotadas de uma plasticidade que lhes permite amalgamar ingredientes que provêm de mundos culturais muito diversos e, portanto, atravessadas por fortes descontinuidades” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 72). Essas modificações vão implicar em outras formas de expressão política:

O que os novos movimentos sociais e as minorias – etnias, raças, mulheres, jovens ou homossexuais – demandam não é tanto serem representados, mas reconhecidos: fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença. O que dá lugar a um novo modo de exercer politicamente seus direitos. E, em segundo lugar, nas imagens produz-se um profundo descentramento da política tanto sobre o sentido da militância como do discurso partidário (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 108).

E, por fim, as **ritualidades**, que não estão formulados com este nome, neste livro, mas sim na entrevista, têm a ver com ritos e memórias, estão sob influência dos fluxos e do *zapear*, havendo uma “implosão da ordem sucessiva e linear” que “alimenta um novo tipo de fluxo que conecta a estrutura reticular do mundo urbano com a do texto eletrônico e do hipertexto”. Há uma experiência, uma ritualidade “que conecta o movimento do hipertexto com o do palimpsesto:

esse texto que se deixa apagar, mas não de todo, possibilitando que o passado apagado surja, embora borrado, nas entrelinhas que escreve o comprimido e nervoso presente” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 117-118). Martín-Barbero articula, a partir de Beatriz Sarlo, as formas com que “[...] o telespectador explora e atravessa o palimpsesto dos gêneros e discursos” – o *zapear* – aos “modos nômades de habitar a cidade” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 134).

Com o exposto acima, podemos afirmar que em *A Comunicação na Educação* Martín-Barbero prossegue a sua busca em construir construtos teórico-metodológicos que possibilitem compreender as relações culturais do mundo contemporâneo. Não para que elas permaneçam sob as mesmas lógicas, mas que constatadas os seus elementos configuradores, as potencialidades transformadoras das novas tecnologias possam ser utilizadas em prol das transformações que subvertam as lógicas dominante-hegemônicas. No que se refere à educação, na articulação com comunicação e cultura, isso implica superar dispositivos de exclusão social que existem nas práticas escolares. Convocando novamente Freire, Martín-Barbero (2014) defende, então, uma proposta libertária e inovadora “em que se aprende a ler para escrever/contar a própria história, pois só então a vida dos excluídos passará a contar, quer dizer, a ser levada em conta por aqueles que governam e dominam” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 142-143).



Versão de Mota Junior (2016) do mapa para investigar as mutações culturais

REFERÊNCIAS

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. 2014. São Paulo: Editora Contexto.

_____. Jesús Martín-Barbero: As formas mestiças da mídia. **Entrevista à Revista Fapesp**. 2009. Acessado em 13 de setembro, 2014, em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>.

_____. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2008. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. **Ofício de Cartógrafo**. 2004. São Paulo: Edições Loyola.